

A Chácara: um mapa multissensorial sobre a cidade de Salto¹

1 Este estudo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código Financiamento 002.

The Farm: a multisensory
map about the city of Salto

João Piron
PUC–Campinas
Prof(a). Dr(a). Luisa Paraguai
PUC–Campinas

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e84848>

Resumo

Este texto contextualiza o cartografar territórios urbanos como reflexão crítica para pontuar os modos de circulação dos sujeitos que habitam a cidade local. A partir da investigação teórico-prática do território, os elementos do espaço e suas relações sócio-culturais, mapeamos uma localização específica do centro da cidade de Salto/SP e seus entornos. Enquanto cartógrafo-artista utilizam-se de métodos de pesquisa como jogos surrealistas, pistas cartográficas e derivas psicogeográficas, para compor uma narrativa que se desvela em um mapa multissensorial. A intenção é resgatar uma memória que atravessa o tempo, e ainda pode ser percebida no presente da cidade, com o intuito de provocar uma reflexão crítica sobre o impacto dos modelos de produção e de consumo na paisagem do interior paulista. Assumindo que o apagamento em mapas institucionais condiciona histórias a serem esquecidas, fomenta-se a cartografia enquanto exercício metodológico crítico epositor aos modelos hegemônicos.

Palavras-chave: artes & design; cartografia & cidade; memória & narrativa

Abstract

This text contextualizes the mapping of urban territories as a critical reflection to discriminate the modes of circulation of subjects who inhabit the local city. From the theoretical-practical investigation of the territory, the elements of space and their socio-cultural relations, we mapped a specific location close to the downtown of Salto/SP, and its surroundings. As cartographer-artist, it is used research methods such as surrealist games, cartographic clues and psychogeographic drifts, to compose a narrative that unfolds in a multisensory map. The intention is to rescue a memory that crosses time and can still be perceived in the city's present time, in order to provoke a critical reflection on the impact of production and consumption models on the landscape of the interior of São Paulo state. Assuming that deletion in institutional maps conditions stories to be forgotten, cartography is promoted as a critical methodological exercise that opposes hegemonic models.

Key-words: arts & design; cartography & city; memory & narrative

Por uma cartografia invisível

Uma das cenas do filme “Bacurau” (2019), do diretor brasileiro Kleber Mendonça, resume uma das principais ideias que este artigo pretende apresentar. Nela um professor da escola municipal tenta apresentar aos seus alunos o território da cidade através de uma plataforma digital – uma versão ficcional do *Google Maps* ou *Google Earth*, porém, para surpresa das personagens, a cidade não está geolocalizada. A inexistência de Bacurau na internet, mediada pelo mundo desenhado pela *Google*, vem ao encontro de Pater ao dizer que “quando os nomes das cidades são omitidos de um mapa, isso pode sugerir que a área não é de grande interesse”¹. Para os moradores de Bacurau, essa foi só um prelúdio da tentativa brutal de eliminar o lugar², e para nós, um estopim para refletir essa suposta neutralidade dos mapas, que configuram e definem modos de ver e perceber o mundo.

Assim, a partir de Bacurau, tomamos o espaço da cidade como palco para a nossa reflexão, pois, como indica Santos, “A cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço, e de acordo ou em oposição aos ‘donos do tempo’, que são também os donos do espaço”³. Portanto, importa-nos inventariar o espaço pela perspectiva das cidades, e nesse texto em particular assumir um posicionamento crítico frente às instruções programáticas hegemônicas. Esta dimensão política orienta as urgências da contemporaneidade em suas dimensões local e global, quanto aos direitos de mobilidade e comunicação. Também vale observar o interesse em específico pelas características da cidade de Salto, localizada no interior do estado de São Paulo. Cidade essa que se constitui o lugar vivido durante este período pandêmico.

Portanto, a primeira ação cartográfica foi investigar as áreas próximas ao bairro Vila Nova (centro da cidade de Salto), observando os elementos do espaço designados e afirmados como: “os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas”⁴, e os resultados das suas múltiplas interações. Nesse momento, a ação metodológica foi instalada pelas derivas psicogeográficas, propostas pelos situacionistas (um dos últimos movimentos de vanguarda do século XX, especificamente do final da década de 50). Neste período, os artistas experienciavam o ambiente das cidades, levando em consideração aspectos emocionais, alternativos e afetivos na construção do que eles chamariam de psicogeografia. Esta construção subjetiva busca

1 PATER, Ruben. *Políticas do design*: um guia (não tão) global de comunicação visual, 2020, p. 151.

2 Revista Landa, 2020.1, vol.9, n.2.

3 SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, 2000, p. 65.

4 Idem. *Espaço e método*, 2020, p. 16.

decodificar o espaço urbano na medida em que nos movemos por caminhos e trajetos inesperados, não definidos pelos padrões de mobilidade e acesso de projetos urbanos⁵.

Em uma de nossas derivas pela cidade, um local próximo ao centro de Salto chamou a atenção; uma propriedade particular com uma quantidade considerável de árvores e dimensões proporcionais de um quarteirão, que se ergue na Rua John Kennedy, na altura da Praça da Saudade, fazendo frente com o Cemitério da Saudade (-23.198511, -47.288253). Sendo uma propriedade privada, claramente delimitada pelo muro branco que separa os transeuntes do terreno (Figura 1), assumiu-se o lugar como um espaço vazio, que na perspectiva de Bauman, os “espaços vazios são antes mais nada vazios de significado”⁶. Ou seja, espaços desapercibidos, cuja não ocupação resulta da aceleração dos nossos passos, uma demanda por eficiência produtiva – “espaços de circulação e distribuição”⁷, que direcionam nossa atenção e fragilizam nossa capacidade de perceber outros possíveis arranjos e ordens não totalitárias.

Nesse caso da propriedade da Rua John Kennedy, a materialização e demarcação disciplinar dá-se no/pelo muro de concreto (infraestrutura), formalizador das relações de poder entre público e privado – dinâmicas de exercício da posse, ora instituídas por leis que institucionalizam o território. Dessa maneira, entendendo que os elementos do espaço são variáveis e mudam com o decorrer do tempo e a transformação das técnicas, assumimos que este lugar poderia ter tido outros modos de ocupação e, portanto, significados em diferentes momentos históricos.

Assim, reorganizando nosso olhar e atenção, e assumindo um estado de suspensão, como sugere a Pista 2 do “Método Cartográfico”⁸, conduzimos a pesquisa do lugar e seus entornos enquanto uma exploração sobre as maneiras de contar, considerando então sua existência e interpretação como fato social. Esta condição nos levou a produção de vários mapas, mobilizadores de subjetividades, na medida em que “tais explorações mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro numa mistura difícil de discernir”⁹. Uma pesquisa inicial sobre a propriedade trouxe o nome daquele lugar, até então desconhecido: Chácara Araújo. A partir dessa constatação, assume-se a necessidade de narrar essa história pelo cartografar do território e seus entornos – sua localização geográfica, as forças institucionais e as instâncias sociais.

5 O'ROURKE, Karen. *Walking and mapping: artists as cartographer*, 2013, p. 7.

6 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*, 2001, p. 121.

7 SANTOS, Milton. *Espaço e método*, 2020, p. 82-83.

8 KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2009, p. 32.

9 Ibidem, p. 40.



Figura 1: O muro branco que divide o que restou da antiga chácara da rua.
Fonte: o autor.

Mapeando a Chácara Araújo (Coordenadas: -23.198511, -47.288253)

A principal motivação do cartógrafo-artista é preencher com narrativas os espaços da cidade compreendidos/definidos como vazios. E desta operação, organiza-se o criar mapas multissensoriais, que implica o trânsito interdisciplinar entre arte, geografia e design de informação. Iniciamos coletando informações – um conjunto de relatos de memórias, a partir de conversas com a rede de conhecidos (amigos, familiares e interessados no projeto), na sua maioria antigos moradores da cidade de Salto, pois “para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas, quanto impressões que emergem no encontro com o campo”¹⁰. Esse conjunto de relatos pode ser sintetizado na seguinte lista de fatos:

- A propriedade pertence à família Araújo há tempos, desde meados da primeira metade do século XX, sendo considerada um território antigo da cidade.
- O terreno é conhecido por abrigar alguns pés de manga e outras árvores remanescentes da antiga chácara, que chamam a atenção de quem passa pela rua e fazem parte do imaginário local.
- Havia alguns canteiros de hortaliças no terreno, que foram somente identificados através de imagens de satélite.
- O lugar encontra-se sob disputa judicial entre a prefeitura e os herdeiros.
- A chácara teve seu perímetro reduzido depois da implementação de dutos de água subterrâneos que perpassaram a propriedade no final da década de 60. Obra do pre-

¹⁰ Ibidem, p. 70.

feito Jesuíno Ruy na época, que tinha como objetivo conectar a estação de tratamento de água do Bela Vista à caixa d'água localizada na antiga prefeitura (hoje o atual prédio do SAAE). Localizamos uma fotografia da fachada da antiga Chácara Araújo em 19 de novembro de 1969, quando o sistema de dutos de água estava sendo construído (Figura 2).



Figura 2: As ruas modificam o entorno da Chácara Araújo em 1969. Fonte: Museu da Cidade Salto.

Esses relatos pessoais e alguns dados técnicos nos indicam como o local da antiga chácara sofreu mudanças, ou seja, transformações no espaço-tempo enquanto relações sociais, políticas, econômicas, que nos colocaram a pergunta: quem seriam os proprietários do espaço? A família Araújo? O poder público municipal? As imobiliárias e empreiteiras? Todo esse processo de transformação urbana a serviço de interesses mercantilistas minimiza o espaço vivido, para inserir outros elementos de infra-estrutura - mobilidade e comunicação, no entorno. Como crítica, Bauman afirma “excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado”¹¹.

O historiador saltense Ettore Liberalesso aponta o loteamento como um dos principais motivadores da transformação na paisagem da cidade de Salto, ao descre-

11 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*, 2001, p. 122.

ver a Rua José do Patrocínio o autor diz “uma das três ruas abertas na antiga Chácara Araújo em sua parte loteada. Foi oficializado pelo decreto 2/67 de 03/01/1967”¹². Essas mudanças são incitadas pelo poder e dinheiro na exploração do meio ambiente, que na paisagem do interior avança conforme a expansão dos loteamentos urbanos. Este processo implica uma constante distribuição espacial com outros traçados físicos que demandam objetivamente novas infraestruturas de abastecimento de água, esgoto e luz, e neste sentido também implicam demarcações sociais quando por exemplo precarizam as condições de moradia de uma classe social, usualmente realocada na periferia da cidade. Ao impor estes princípios de distribuição que não respeitam os modos sociais vigentes de organização espacial, entendemos que os interesses das forças produtivas prevalecem. Assim, a urbanização potencializa um exercício gestor hegemônico, pois, enquanto hierarquiza os espaços, categoriza as pessoas, e termina por institucionalizar as relações com os lugares. Sobre esta intervenção no tecido urbano e social, Milton Santos aponta uma configuração de objetivos perversos ao dizer:

O resultado objetivo é a necessidade, real ou imaginada, de buscar mais dinheiro, e, como este, em seu estado puro, é indispensável à existência das pessoas, das empresas e das nações, as formas pelas quais ele é obtido, sejam quais forem, já se encontram antecipadamente justificadas.¹³

Passamos a analisar esses fenômenos de tensionamento de significados da Chácara Araújo a partir de uma análise imagética composta por diversas camadas de mapas de diferentes referências e épocas, na medida em que “sociedade e espaço humano aparecem como uma síntese que está sempre a fazer-se e a refazer-se”¹⁴. Instala-se assim, um palimpsesto visual da localização territorial, que demonstra as mudanças dos elementos do espaço, ora invadidos pelo capitalismo.

É interessante observar que, a cartografia contemporânea traz a construção do espaço conformado também pelas plataformas digitais, que hoje configuram modos de visualizar o mundo e ditam o que está em destaque no espaço, pois como aponta Santos o que é “representativo do sistema de técnicas atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica”¹⁵, que vai determinar os modos operativos e resultados visuais da cartografia. Dessa maneira, foram selecionados oito mapas locais da região da antiga chácara (Figura 3) com específicos

12 LIBERALESSO, Ettore. *Salto: história de suas ruas e praças*, 1998, p. 154.

13 SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 2000, p. 28.

14 Idem. *Da totalidade ao lugar*, 2005, p. 73

15 Idem. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 2000, p. 12.

dados e informações selecionados e editados conforme: 1) GEOSIG - Plataforma de Geoprocessamento de Salto 2) Planta Situação - Bairro Jardim Armando Barcella 3) Google Maps - Visualização Padrão 4) GEOSIG - Bairro Chácara Araújo 5) Planta Situação - Parque Bela Vista 6) *OpenStreetMaps* 7) *Google Maps* - Visualização Satélite 8) Bairro Jardim Armando Barcella.



Figura 3: Múltiplos mapas da Chácara Araújo. Fonte: Google Maps, OpenStreetMap e Prefeitura da Estância Turística de Salto. (Acesso em 31 de maio de 2021).

O que chama atenção logo de imediato é que nos Mapas 1 e 4 (Figura 3), acessados pela plataforma oficial de geoprocessamento de Salto, a chácara existe diante da disponibilidade para a população através do website. A área loteada (preenchida de azul no Mapa 4) tem o logradouro marcado como pertencente ao bairro Chácara Araújo, que se vale do nome da antiga chácara para identificar os endereços atuais existentes. Porém, para os Correios, os CEPs das ruas do bairro (13321-321 e 13321-322) são identificados como pertencentes ao Parque Bela Vista, bairro adjacente à antiga chácara, ou seja, existe um conflito de demarcações até nos logradouros desse espaço que mobilizam diferentes territórios – dados de diferentes instituições. No Mapa 1 podemos ver a urbanização que ocorreu ao entorno da chácara, percebendo as inúmeras ruas que hoje existem, assim como, os diferentes bairros que a circundam, e acrescentam ao território novas camadas de significado conforme crescimento urbano.

Já os Mapas 2, 5 e 8 trazem aspectos históricos e sugerem como podem ter ocorrido as mudanças que hoje consolidam o espaço presente. A importância aqui de trazer o passado é reiterada a partir da Pista 3 do Método Cartográfico, ao dizer que cartografar é acompanhar processos e estar atento “a um passado em movimento, que

nos atravessa e transforma o futuro a cada instante”¹⁶. Assim, no Mapa 5, observamos um nome inscrito no local da chácara, apresentado como o proprietário do espaço, aquele que detém os documentos legitimadores: o Sr. Joaquim Antônio de Araújo. Porém, vale lembrar que esse é um dos mapas mais antigos do acervo de downloads do website da prefeitura, provavelmente grafado no final da primeira metade do século XX. Outro dado no Mapa 5 é a demarcação do reservatório, mais tarde conectado com a estação de tratamento de água, que atravessa a propriedade do Sr. Araújo. No Mapa 2, uma ampliação de parte do Mapa 8, vemos descritos os lotes do Jardim Armando Barcella, outro bairro adjacente. Nesses dois mapas podemos ver o local da chácara com seu formato triangular, sendo delimitado pelos contornos de ruas e quarteirões construídos na década de 1970.

Por último, os Mapas 3, 6 e 7 são referências visuais de plataformas digitais, hoje hegemonicamente definidoras de localização para aqueles com acesso à internet e ao *Google Maps*. Os Mapas 3 e 7 são oriundos do *Google Maps*, mas em nenhum deles existe qualquer menção à chácara, mesmo quando digitado na caixa de busca. Assim como no Mapa 6 do *OpenStreetMaps*, onde se encontram apenas ruas ou como analisado no Mapa 3, pontos comerciais com informações de consumo. Conforme Han essa “massa de informações não gera *verdade*, e quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo. Por isso, a hiper-informação e a hiper-comunicação não trazem luz à escuridão”¹⁷. Assim, ainda que apresentadas como transparentes essas plataformas, observam-se conteúdos que nada incorporam os que ali vivem. Nestes mapas, o único elemento que ainda existe e pode ser percebido está no Mapa 7: as copas das árvores – no quadrante inferior direito da fotografia de satélite, reunidas em uma pequena porção, são tomadas como o resquício do antigo território nos dias de hoje.

Cartografar a narrativa “A Chácara”

Concluída a pesquisa referencial, o projeto de intervenção no espaço organizou-se enquanto um grafar para compor o mapa multissensorial “A Chácara”¹⁸, conformado por outras narrativas, que significam constituir o território a partir da experiência do transeunte. Iniciamos esse desenho com novas derivas pelo espaço, onde delimitamos

16 KASTRUP, Virgínia ; PASSOS, Eduardo. ; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2009, p. 60.

17 HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*, 2017, p. 96.

18 Produção: João Piron; Interpretação: Tamie Abe; Arranjo musical: Leonardo Piron ; Informações históricas: Elton Zanoni

ses inferiores, sejam brancos, caboclos ou índios. Buscou-se assim evidenciar aspectos sociais que mostram como diferentes modos de vida podem interferir e significar as relações territoriais.

Iniciamos a gravação da camada sonora do mapa utilizando-se do jogo da “Simulação” (Figura 5), que conforme a proposta de alguns artistas surrealistas sugere “que em vez de assumir um estado de espírito passivo ou receptivo, pode-se, com a prática, assumir um estado mental ativo que não é o nosso”²⁰. Assim, artistas surrealistas como André Breton muitas vezes escreviam textos a partir de diferentes estados mentais. No nosso caso, o “*output*” do jogo da simulação são áudios, gravações da voz da artista, que assume esse papel para percorrer o espaço a partir do estado mental de uma caipira que ali viveu. No projeto simula-se um comportamento questionador da caipira personagem, que se surpreende ao ver as mudanças que ocorreram na sua propriedade e na cidade local. Através da simulação e enxergando o trajeto como um roteiro-percurso, evocamos os elementos de outrora, mas tentamos compor com o aqui e o agora também.



Figura 5: O jogo surrealista da “Simulação”, frames do vídeo das gravações²¹. Fonte: o autor.

Com isso, podemos observar como a própria relação de trabalho e lazer entre o caipira e sua terra gera outros valores acerca do espaço. Por exemplo, a caipira relembra os seus afazeres e passatempos no Áudio 5 quando afirma “*Era assim que a gente*

20 GOODING, Mel (Org.). *A book of surrealist games*, 1995, p. 22.

21 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0_BP0ZXGV0&list=PLfN37EFk-Qx5bpmSPH6WJz9-z3nbVdWfGI&ab_channel=Jo%C3%A3oPauloPiron>

gastava nossas horas...”. Essa vivência em torno da terra vem de encontro com Cândido quando afirma que “o lazer era parte integrante da cultura caipira; condição sem a qual não se caracterizava, não devendo, portanto, ser julgado no terreno ético, isto é, ser condenado ou desculpado, segundo é costume”²². Em contrapartida, na cultura de massa na qual vivemos inseridos hoje, o lazer tende a ser “possibilidade de uma vida consumidora”²³, pois na medida em que nos construímos como sujeitos consumistas, abandonamos ou ignoramos as noções de território para espetacularizar a vida privada. Com isso, esquecemos até mesmo de aspectos como vizinhança e solidariedade, que na cultura caipira fazem parte do cotidiano vivido, como aponta Cândido ao descrever o mutirão como “essencialmente uma reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpeza, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc”²⁴.

Considerações finais

Percebe-se que “mesmo fora da procura de lucro, todo sistema industrial tende ao crescimento, e toda produção de massa destinada ao consumo tem sua própria lógica, que é de máximo consumo”²⁵. O apagamento de territórios como os da antiga chácara é comum, pois no neoliberalismo o que prevalece é o espaço de produção e de consumo, e é através dessa lógica que o capitalismo transforma os elementos do espaço das cidades. “O fenômeno cidade local acha-se pois ligado às transformações do modelo de consumo no mundo, sob o impacto da modernização tecnológica, da mesma forma que as metrópoles são o resultado dos novos modelos de produção”²⁶. E assim, o sujeito comum apresenta-se cada vez mais encarcerado e condicionado a estes modelos de organização do território. Entender que fazemos parte dessa tensão dialética entre invisibilidade e visibilidade, e que é tempo de repensar e readequar comportamentos, criando outros vínculos de cuidado e proteção com o espaço, como aponta Santos:

Cabe-nos, mesmo, indagar diante dessas novas realidades sobre a pertinência da presente utilização de concepções já ultrapassadas de democracia, opinião pública, cidadania, conceitos que necessitam urgente revisão,

22 CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2010, p. 102

23 MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*, 2002, p. 69.

24 CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 2010, p. 82.

25 MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*, 2002, p. 35.

26 SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*, 2005, p. 68.

sobretudo nos lugares onde essas categorias nunca foram claramente definidas nem totalmente exercitadas.²⁷

Portanto, é o desejo de revisitar esses espaços que essa cartografia manifesta-se no mapa multissensorial “A Chácara” : um trabalho colaborativo que nasce da vontade de propor outras práticas para os espaços da cidade, criando possibilidades para desvelar o exercício da cidadania – uma vida social coletiva. São olhares mais atentos ao lugar construído e habitado pelos moradores de Salto, do interior de São Paulo, do Brasil. Como colocado por Santos, a ideia de lugar como potência para essa mudança:

O papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo.²⁸

Assim, é preciso viver a cidade como lugar de mudanças, que se opõem ao desenvolvimento hegemônico, por conta de um pensamento crítico sobre questões urgentes da contemporaneidade. É preciso acender de maneira efetiva o contraponto, exercitar ideias e reflexões que façam os cidadãos perceberem a dimensão coletiva do espaço vivido e reavaliarem pontos de vista e perspectivas pessoais. A proposta para essa significação é materializar a invisibilidade na/pela cartografia, sendo necessárias ações compartilhadas para viabilizar tal mudança. A ideia que fica é persistir, reclamar o território que nos pertence, reivindicar nossos direitos como cidadãos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

GOODING, Mel (Org.). *A book of surrealist games*. Boston: Shambhala Redstone Editions, 1995.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

27 Idem. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 2000, p. 27.

28 Ibidem, p. 56.

- LIBERALESSO, Ettore. *Salto: história de suas ruas e praças*. Salto: Imprensa Oficial, 1998.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- O'ROURKE, Karen. *Walking and mapping: artists as cartographers*. MA; London, England: The MIT Press, 2013.
- PATER, Ruben. *Políticas do design: um guia (não tão) global de comunicação visual*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.
- SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Submissão: 02/08/2021

Aceite: 22/09/2021

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e84848>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.